



Angela Pinto, no papel de Isabel Conti da «Santa Inquisição»—(Cliché da phot. Vasques)

N.º 215 Lisboa, 4 de Abril de 1910
ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:
Anno, 4800 réis—Semestre, 23400 réis*
Trimestre, 12200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

Meio seculo de successo ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pessma concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias da Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart. Paris

Coke inglez

Para cozinha O mais economico

R. CONCEIÇÃO, 17, 2.º

TELEPHONE 1738

SOCIEDADE FABRICANTE



Discos

ACABA de ser posto á venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: ALMA DE DIOS, SONHO DE VALSA e outros de double face ao preço de 18000 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 750 réis. Ninguém os tem mais bem

Impressos, nem mais baratos. Pedidos á CASA SIMPLEX, BICYCLETES, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 23-B e Rua de Santo Antão, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.

Receita para curar

LABIOS FEIOS

- » FERIDOS
- » FENDIDOS
- » ASPEROS
- » ENGELHADOS
- » SECCOS
- » INCHADOS

CIEIRO

- » FERIDAS NAS NARINAS
- » MAUS CANTOS DE BOCCA
- » MUCOSAS IRRITADAS
- » ETC., ETC., ETC.

Lapis com um deal de costura, 250 rs. Pedidos ao depositario: Vicente Ribeiro & C.ª, 84, R. dos Fanqueiros, 1.ª - LISBOA.

Passar sobre a mucosa, levemente, repetidas vezes, o

LAPIS NAFALAN

com sello VITERI

que dá ás mucosas *resistencia, brilho, cor, aroma, frescura,* e o *aspecto setinoso proprio da mocidade e da saude.* Util á todas as pessoas que se expõem ao sol, á chuva, ao calor, ao frio, ao vento.

Os *fumadores* usam-no' para evitar a acção do fumo e da nicotina.

Só não tem cabelo nem barba quem quer!

Fazemos nascer cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garantimos que não é nocivo. Removese-se com toda a discreção. Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, desceoz a barba bonita e o cabelo abundante. Tem's lizeado com o nosso balsamo Mootcy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debalde! Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia é o nosso Mootcy conhecido e apreciado. P'de-se por isso dizer, como verdade, que souz de fama universal. O preço para o Mootcy é de 25575 réis por porção (uma porção chng. perfectamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 43275 réis. Com cada porção vai um CERTIFICADO DE GARANTIA pelo qual a s'obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedia não der resultado algum. So isto não for verdade pagamos ao comprador a quantia de 3005000 (tresentos mil réis). Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra Mootcy. Envia-se diariamente para todas as partes mesmo para as mais afastadas, com a escriptação clara da maneira de ser usado e com o certidão de garantia, em portuguez, contra pagamento adelantado ao pagamento pelo correio no acto da entrega.



... (continuation of the Mootcy advertisement text from the previous block)

MOOTCY DEPOT

HOLMENS KANAL 30-KOPENHAGEN, 133

Deposito em Lisboa: Ferreira & Ferreira. Succ.

99, RUA DA PRATA, 101.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

íania e Sobreirinho (Thomas), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho.

Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórmula. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escribtorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: Companhia Prado

Numero telephonic: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL

Accões	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização	266.400\$000
Réis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórmula. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escribtorios e depositos:

COMPREM AS

Sedas Suissas

Pecam as amostras das nossas Sedas Nov dadas de primavera e do verão para ver idos e buissas: *Diagon, Oren, Surah, Moire, Grépe de Chine, Foulards, Mousseline* 130 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em preto, branco e cor assim como as buissas e os vestidos bordados em sh. lister, 15, «toiles» e seta. Vendemos as nossas sedas garantidas, seguras, directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

Schweizer & Co

Lucerne E II (Suissa)

Exportação de sedas

Fornecedores da C'Arte Real

AS LEGAÇÕES ESTRANGEIRAS EM LISBOA

A LEGAÇÃO DA ARGENTINA

Foi por ocasião da visita da fragata-escola argentina *Presidente Sarmiento* ao nosso porto que o sr. dr. Baldomero Garcia Sagastume, illustre ministro da florescente republica sul-americana em Lisboa, abriu as suas salas para uma recepção official, iniciando assim a serie de festas com que tem obsequiado as pessoas das suas relações. E desde logo, determinado pelo encanto incontestavel que emana da convivencia d'esse insinuante diplomata e da de sua gentilissima esposa, estabeleceu-se em volta do seu nome uma atmosfera de profundas sympathias, que o tempo decorrido, justificando-a plenamente, intensificou de fórma



1—Um bronze artistico.

2—O sr. ministro da Argentina no seu gabinete de trabalho.

a tornar os srs. Garcia Sagastume duas das figuras de mais evidencia da nossa sociedade aristocratica e elegante, já agora imprescindiveis nas grandes recepções mundanas da capital.

O sr. dr. Baldomero Garcia Sagastume, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da republica Argentina em Portugal, tem' uma



Um aspecto d'um gabinete

larga e brilhante carreira diplomática. Após a sua formatura em direito, dedicou-se á advocacia, trabalhando junto de seu pae, que era um dos mais distinctos juriconsultos de Buenos-Aires. Outras eram, porém, as predilecções do seu espirito; seduzia-o principalmente a diplomacia, onde seu avô, o dr. Baldomero Garcia, occupára logar distincto, ascendendo, mercê de assignalados meritos, a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. Essa aspiração realisou-se; e o dr. Garcia Sagastume ingressou na carreira, occupando em 1886 o cargo de *attaché* á legação do seu paiz na republica oriental do Uruguay. Em 1888 ascendeu a 2.º secretario na mesma legação, tendo por chefe o dr. Roque Saens Peña, — o novo presidente da republica que succede ao

termos de ser a promooção para Lisboa considerada um duplo motivo de alegria. E aqui vieram installarse, conquistando n'um anno tantas e tão profundas sympathias, que bem pôde dizer-se do ministro da Argentina e de sua esposa; — chegaram, viram e venceram!...

Em Tokio, a legação da floresente republica, apesar de estar á sua frente apenas um encarregado de negocios, era a meudo frequentada pelos embaixadores estrangeiros que acudiam ás recepções e aos jantares diplomaticos dos srs. Garcia Sagastume, atrahidos pelo brilho e distincção d'essas esplendidas festas, a que tão grande realce davam os primores da sua cortezia e a singular affabilidade do seu trato. Mas, além dos estrangeiros, as mais altas personalidades do Imperio porfiavam em manifestar consideração e sympathia aos representantes da Argentina, as quaes se traduzem das affectuosas dedicatorias exaradas nas numerosas photographias da familia imperial japoneza e altos funcionarios do Sol Nascente, que se vêm nas salas do elegante palacete da Avenida da Liberdade, onde se acha installada a legação. Prosador e poeta de meritos demonstrados em grande numero de trabalhos esparsos nos jornaes e revistas de Buenos-Aires, não podia o dr. Garcia Sagastume deixar de interessar-



Um biombo artistico

dr. Figueirôa Alcorta. Dois annos mais tarde foi promovido a 1.º secretario, servindo nas legações do Paraguay, Peru, Chile e Brazil. Em 1905 é enviado ao Japão como encarregado de negocios *en titre*, cabendo-lhe a honra de ser o primeiro diplomata argentino acreditado junto do governo de Tokio; finalmente, e depois de quatro annos de relevantes serviços n'aquella legação, é o sr. Garcia Sagastume promovido a ministro e escolhido para a legação que a republica resolvera crear em Lisboa. Aceitou o illustre diplomata com alvoroço a situação que lhe offereciam; de Lisboa guardára, na sua passagem para o Japão, gratas recordações. O nosso ameno clima, o panorama risinho da cidade, os aspectos que de momento conseguira entrever da vida portugueza, determinaram impressões, que o conhecimento da deliberação do governo argentino reavivou em



Um exemplar da faiança japoneza



Uma colcha japoneza premiada na exposição de S. Luiz



1—Uma sala da legação. 2—Sala de recepção.
(Clichés de Benoitel)

EL ESPEJO

En ese espejo que veis
se contempli mi adorada,
se refleja su sonrisa,
se rebeja su faz pálida
y su talle mas gentil
que la palmera elevada?

Y cuando ostanta su rostro,
ornado de rosas blancas
que en el renegrado bucle
fuertemente se destacan,
parece que aquel espejo
no luce su luna clara...

! Parece aquel um espejo
que por la envidia se empaña ...

se pelos aspectos tão originaes e pittorescos d'um paiz como o Japão. D'ahi, os seus artigos acerca de usos e costumes japonezes publicados em revistas argentinas e ainda a enorme quantidade de notas e dados estatísticos que recolheu e que são valiosos subsidios para um livro em que trabalha sobre esta interessante nação, que tão velozmente caminha na senda do progresso.

Dissêmos que o dr. García Sagastume é prosador e poeta de elevados meritos; effectivamente assim o tem provado versando os generos litterarios mais diversos. Como prosador, conhece-se, além de trabalhos dispersos na imprensa, um seu tratado sobre a diplomacia argentina, o qual não tornou o auctor incapaz com os rendilhados e delicadeza de fa-



A sala de jantar

ctura exigida para as obras do theatro, visto haver feito representar e com exito absoluto uma comedia sua, n'um dos theatros argentinos. Pelo que respeita á poesia, mais uma vez fica provado não haver damno para os doutores em vagarem ao trato das musas, como, de resto, já o affirmava o rimado conceito que a meudo a proposito se invoca. E o leitor vae avaliar os meritos do poeta García Sagastume pelas seguintes estrophes que transcrevemos d'um interessante livro acerca dos poetas sul-americanos:

A sr.^a D. Susana Garcia Sagastume pertence a uma das mais antigas e distinctas familias da Republica Argentina, estando por equal ligada a algumas aristocraticas familias hespanholes. Seu bisavô, D. Ventura Quiroga e del Cabril, foi o primeiro governador da provincia de S. Juan, alto cargo que tambem foi depois exercido por seu avô, o coronel Burgôa Zapata. A' sua distinctissima origem, bem como aos primôres da sua educação, allia madame García Sagastume notaveis dotes de formosura, que são, de resto, como que o reflexo

das qualidades que esplendem no seu coração de esposa e mãe exemplaríssima. É a proposito vem a referencia á delicada flôr que viceja n'aquelle lar modelo acariciada pelo amoroso enlêdo dos extremosismos paes, a Susanita Garcia Sagastume, filha unica dos actuaes ministros da Argentina em Lisboa, intelligencia de rara vivacidade e coração de puro ouro.

Digna moldura d'esse encantador quadro familiar, que é a vida quotidiana na legação argentina, o palacete da Avenida da Liberdade offerece pela elegancia da sua decoração e sabia disposição do seu artistico mobiliario o mais gracioso aspecto.

A arte japoneza com a sua delicada originalidade tem n'esses salões uma larga e variada representação:— nos rendilhados moveis, nas matisadas tapeçarias, nos trageis bibelots, em bronzes artisticos, nas preciosas louças de meza e até nas esplendidas peças da cinzelada baixella. Percorrer as salas assim decoradas, é como que visitar uma linda moradia de Tokio, sem lhes faltar o aspecto recatado e tranquillo que singularisa a habitação japoneza. É a todo o momento a nossa attenção é sollicitada por qualquer d'essas curiosidades; ali, um precioso biombo de laca, onde se destacam em alto relevo as azas de madreperola de algumas aves exóticas; acolá uma colcha esplendida,— premiada n'uma exposição em S. Luiz, onde o artista paciente e observador bordou com admiravel precisão de colorido e detalhes, dois galos em encarniçado combate; mais adiante, um bronze magnifico por igual affirmando os incessantes progressos d'esse paiz de maravilhas que é o Japão.

Em elegantes vitrines estão cuidadosamente dispostas algumas dezenas de preciosos bibelots trabalhados com aquelle escrupulo artistico e tambem com a paciencia exemplar que muitos attribuem exclusivamente aos chinezes, mas que por igual notabilisam os filhos do Imperio do Sol Nascente.

te. Ha paizagens das cercanias de Tokio d'um colorido estranho, tecidas em lindos tapetes mureas que nos obrigam insensivelmente a pensar no encanto mysterioso das *musmées* graciosamente sentadas junto d'esses massivos de altos bambus ondulantes. De magnificos jarrões que o pincel dos pintores japonezes matisou caprichosamente, irrompem delgadas has-

tes floridas como aquellas que a meiga e confiada Butterfly espalha nos seus aposentos, saudando o ancio do regresso do bem amado.

Por toda a parte reminiscencias do Japão: photographias orladas de carinhosas dedicatorias retratos do imperador, da imperatriz, de principes e de altos funcionarios do imperio, affirmando assim a saudade que n'essa côrte deixaram o illustre diplomata e sua esposa, saudade que ainda de longe é a meudo significada pelas provas reiteradas de estima. De resto, o governo japonez, interprete do sentir geral, condecorou o sr. Garcia Sagastume com a ordem do Sol Nascente, consagração official de altos meritos absolutamente justa e geralmente applaudida.

Recentemente, os ministros da Argentina em Lisboa offereceram ao sr. ministro dos negocios estrangeiros um banquete diplomatico, que teve a distincção e o brilho das festas anteriores. Mais uma vez os convidados da legação argentina tiveram ensejo de apreciar, com a elegancia de aspectos d'essa linda habitação, o encanto particular que resulta da convivencia com o distincto diplomata e sua gentil esposa.

E, todavia, o que mais impressiona as pessoas que tem a honra de ser admittidas á convivencia dos srs. Garcia Sagastume não são as magnificencias da sua casa, nem o brilho sempre intenso das suas festas; é a serena alegria que paira no seu lar, o puro ambiente que ali se respira e que aos mais scepticos e frivolos obriga a acreditar, na existencia da verdadeira felicidade!...

LUIZ TRIGUEIROS.



D. Susana Garcia Sagastume

(Cliché de A. Futami)

CINCOENTA ANNOS DE THEATRO A FESTA DO ACTOR QUEIROZ

O velho actor Queiroz, cuja festa de despedida se realiza amanhã no theatro da Trindade, tem sido um alto exemplo de trabalho e de honestidade. Os seus cincoenta annos de theatro, de lucta diaria, são esmaltados d'acções que definem o character d'esse artista tão querido do publico, que o vae saudar com a mais merecida das sympathias.

N'aquella pequena casa da rua Bartholomeu da Costa, ao Bairro Operario, nascida d'um milagre de economia, vive o actor com o mais seguro dos bens: a tranquillidade de consciencia. Foi n'um terreno de Bemfica que o artista fez a sua primeira propriedade, com uma pequenina vaidade de senhorio. O seu sonho, aquella casinha, onde residiu alguns annos com sua esposa, custou-lhe privações, momentos amargos; procurou fazel-a dentro dos moldes mais economicos, chegou mesmo a carretar por suas mãos materiaes para ella, buscou erguel-a com um grande carinho vigilante, não fosse ficar em meio essa obra que era a sua mais querida ambição. Um dia, porém, começou a notar as excessivas des-



O actor Queiroz
(Cliché Fernandes)

quizar, o velho actor vae encontrar, amanhã, da parte do seu publico fiel, dos seus admiradores, esse acolhimento sympathico e fervoroso que jámais foi negado ao artista distincto e ao homem cuja honradez é o seu maior titulo de gloria



2—Um milagre de economia e perseverança: A casa do actor Queiroz, no Bairro Operario, á Graça
3—O actor Queiroz e sua esposa
(Clichés Benoliel)

pezas dos transportes, a achar a sua casinha differente do que imaginára, a vê-la como um encargo. Então vendeu-a e com mais algum dinheiro, poupado dia a dia, comprou a sua actual morada, que é ainda um forte prodigio de vontade.

Sahido d'uma geração bohemia, onde avultavam figuras como as de Antonio Pedro, Raymundo Queiroz, filho d'um alfaiate, e que tem sido em scena, por centenas de vezes, principe e monarcha, logo que despia os seus trajos de theatro, regressava aos seus habitos methodicos, pautados, sem se afundar nas dissipações que eram a maior tortura dos actores do seu tempo. Agora, consagrado, bem digno d'um repouso que soube con-



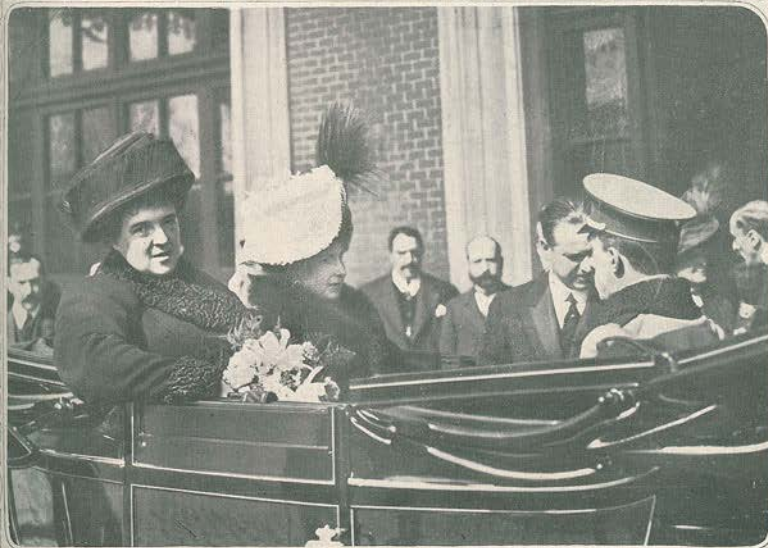
A RAINHA DE PORTUGAL

EM MADRID



A Rainha Senhora D. Amelia, que estava em Biarritz desde o começo do mez e ali se avistara com Eduardo VII, deixou a cidade em 22 de março partindo para Madrid a visitar a familia real, que a aguardava na gare. Affonso XIII, depois dos cumprimentos affectuosos que se trocaram, subiu com a rainha de Portugal para um automovel, que os conduziu ao palacio do Oriente. Os principes de Battenberg, altos dignitarios e muitos membros da nobreza do paiz vizinho visitaram a senhora D. Amelia, que assistiu ás festas da Semana Santa na capella do palacio real, seguindo no dia 25 para Villamanrique, de visita a sua mãe, a senhora condessa de Paris. Em Sevilha aguardavam-na uma delegação da *Mestrança de Cavallaria*, o duque de Orleans e muitas senhoras.

A Rainha Senhora D. Amelia, pelo braço do rei de Hespanha, na sua chegada a Madrid.



A Rainha Senhora D. Amelia, a Rainha Victoria de Hespanha e Affonso XIII, dirigindo-se ao palacio do Oriente. (Clichés do «Novo Mundo»)

A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE ALEXANDRE HERCULANO



1 — Diante do túmulo do historiador nos Jeronymos. 2 — O vice-presidente da Camara Municipal e os vereadores srs. Agostinho Fortes e Barros Queiroz que representaram o municipio na cerimonia dos Jeronymos.

Em 28 de março a comissão do centenario de Herculanó, acompanhada por muitas pessoas, foi depôr flôres sobre o túmulo



Alexandre Herculanó

do grande historiador na capella do claustro dos Jeronymos.



4 — Um aspecto da exposição das obras de Herculanó no archivo da Camara Municipal, vendo-se o busto feito pelo escultor Calmels e a banheira do extinto concelho de Belem de que o grande escriptor foi presidente.
5 — A comissão do centenario á porta dos Jeronymos com as pessoas que foram em romaria ao túmulo do historiador.
(Clichs de Benoliel)

SEMANA SANTA.



A PROFANAÇÃO DOS TEMPLOS.

(DESENHO DO SR. EMMERICO NUNES)

FIGURAS E FACTOS

E' em Inglaterra, na patria de Ricardo III, que gritava em Boswarth: Um cavallo! o meu reino por um cavallo! que existe o mais pequeno d'estes nobres animaes. Se ao inimigo dos Tudores tivessem levado um cavallo, como estenão se salvaria do ridiculo a phrase historica! Mas como um animal de tão minguadas proporções não serve para coisas tragicas, lá está em Londres a ser admirado como o poderia ser o maior dos cavallos, embora de madeira: o de Troya.



1—O mais pequeno cavallo que hoje existe na terra. E' um Shetland-Poney, da estatura de um cão da Terra Nova.
(Clické Delius)



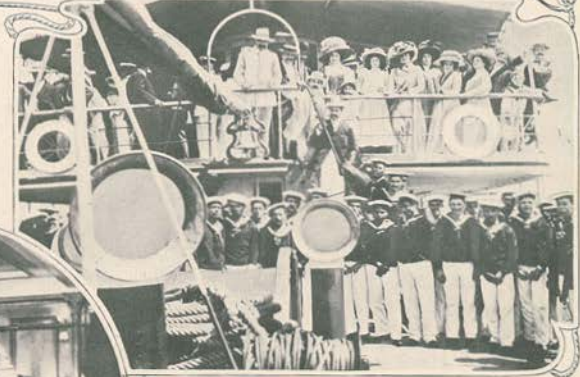
O juramento de bandeira em infantaria 25. de Thoma

2—A allocação do capello dos recrutados.
3—O tenente coronel lê a formula do juramento, que os recrutados repetem com o braço estendido para a bandeira.
(Clické do sr. J. Brak-Lamy)

4—Os coristas hespanhoes da companhia de zarzuela do theatro Etoile que foram repatriados com donativos do Centro Hespanhol e da Associação dos Artistas Dramaticos.

O S. GABRIEL EM BUENOS AYRES

A officialidade do S. Gabriel, que anda fazendo a viagem de circumnavegação, foi magnificamente recebida em Buenos Ayres, não só pela colonia portugueza á frente da qual esteve o ministro de Portugal na Argentina, sr. visconde de Meyrelles, mas tambem por mui-



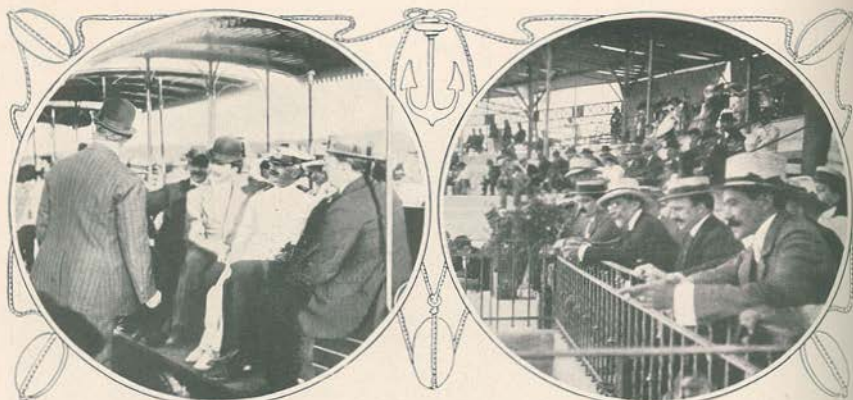
1—Os convidados a bordo do *Rivadavia*. Senhoras da colonia portugueza e marinheiros do cruzador.
2—O *lunch* a bordo. Senhoras portuguezas na mesa presidida pelo sr. visconde de Meyrelles, ministro de Portugal.



tos argentinos, que festejaram nos nossos officiaes as cordealissimas relações dos dois paizes. Além das



3—Desembarcando na Colonia. Ponte provisoria construida pela empresa do *Real San Carlos*.
4—Senhoras e cavalheiros da colonia portugueza, e officiaes do cruzador esperando a hora da tourada. Ao fundo o commandante Pinto Basto e o secretario do consulado geral Ernesto Quadrio. Na extrema direita os srs. Miguel Vasconcellos Porto, visconde de Meyrelles e Cotello.



Os pequenos tramways a vapor que levam da ponte á praça dos touros. O sr. capitão de fragata Pinto Bastos, tendo á direita o cavalleiro taumachico Morgado de Covas

Nos touros: Ao centro o representante de Portugal presidindo á lide, á sua esquerda o sr. Mihanovich, opulento capitalista, em prezario do Real San Carlos

cerimonias da recepção, por todos os motivos brilhantes, organisaram-se passeios e jantares, tendo

tambem os officiaes do cruzador *S. Gabriel* assistido a uma magnifica corrida de touros.

LÁ POR FÓRA



Photographias a 80 metros de altura

Está em construcção o novo edificio da Camara Municipal de Berlim, que deve ter 80 metros de altura. Logo que

se lhe collocou o ultimo vigamento muitos photographos pediram para lá subir afim de obterem *cliches* da cidade.

LÁ POR FÓRA



Os Ramos em Paris: A venda tradicional do buxo na praça de Nôtre Dame.
(Cliché da World's Graphic Press)



Uma guarda real sumptuosa
A *Marschiere*, ou guarda do corpo dos Reis da Baviera, correspondente à nossa guarda real dos Arceiros, e que desde o século XVIII tem a seu cargo a vigilância do palácio como corpo privativo da casa real — (Clichés Delius)

O·COMICIO·CONTRA·
O·JUIZO·DE·
INSTRUÇÃO·CRIMINAL·

N'um vasto terreno da Avenida D. Amélia realisou-se em 20 de março um comicio republicano, para protestar contra o juizo de instrucção e contra a reacção clerical. Presidiu o sr. dr. Theophilo Braga e usaram da palavra os srs. drs. Brito Camacho, Afonso Costa e Antonio José d'Almeida, assistindo alguns milhares de pessoas, que approvaram esse protesto.



2—Para o que der e vier...



1—As trazeiras das casas da Avenida Moraes Soares durante o comicio.

3—Aspecto geral do comicio.

(Clichés de Benollet)

A PARTIDA ·
JOGADORES

DE · FOOT-BALL · ENTRE · OS ·
· DO · PORTO · E · DE · LISBOA ·



1—Um bom school. 2—O team do foot-ball Club do Porto



3—A bola vae fora.
4—O team do Club Internacional de Lisboa.
(Clichés de Benoitel)

Os desafios entre os primeiros e segundos teams dos clubs Internacional de Foot-Ball e, Foot-Ball Club do Porto realizaram-se em 19 de março no campo do Lumiar. Houve phases interessantes, enthusiasmando-se vivamente os jogadores, que receberam calorosos applausos do publico. Na parte dos primeiros grupos o Internacional venceu o Club do Porto por dois goals contra um e na dos segundos venceu ainda por tres goals, não fazendo nenhum os contrarios.

Foi juiz de campo, no desafio dos primeiros grupos, o sr. Antonio Couto e distinguiram-se os srs. José Bello e Stanley Barbey do Club Internacional de Foot-Ball e do Foot-Ball Club do Porto os srs. Lockhart e Almoode.



AS SOCIEDADES SECRETAS.



— Que procura?!
— A luz.

— Que a luz lhe seja dada.

Em quasi todas as sociedades feitas no mysterio é a luz que se procura. Ellá entra nas formulas, nas cerimoniaes, faz as intenções dominantes; é um fim. Desde os *sabbats*, com as suas corridas de Diana, até á maçonaria, fundada para se ministrar a sciencia a um certo numero de adeptos, era sempre a luz, que os profanos não podiam vêr, o que se procurava.

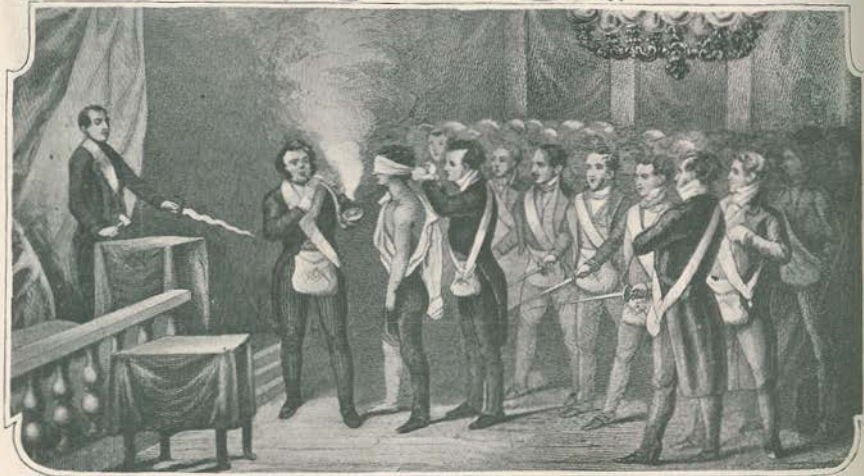
São velhas como o mundo as sociedades secretas. Existiram no fundo dos bosques, na sombra das cavernas, nos logares reconditos, na calma dos templos com os franco-juizes, a jacquerie, a maçonaria e a Companhia de Jesus, a mais inacessivel das aggremações mysteriosas.

Outras sociedades, porém, teem existido, e existem ainda algumas. Foram os *Irmãos Ceifeiros*, os *Fenianos*, os *Carbonarios*, com os seus fins politicos; a *Mão Negra* com as suas ambições criminosas, sociedade onde se procura não a luz, mas o ouro, o interesse, espalhada pelo mundo, poderosa, terrivel e com algumas pessoas de categoria á fren-

te. As outras sumiram-se por desnecessarias desde que terminaram os objectos para que tinham sido creadas; ficou a maçonaria como sociedade de auxilio mutuo, forte, unida, disciplinada.

Grandes lendas se formaram em volta d'esta associação, epithetos de bebedores de sangue, de herejes, de criminosos, soaram atravez das eras ao mesmo tempo que os symbolos dos obreiros se marcavam nos Jeronymos como na Batalha, em Alcobaça como em Santa Clara de Coimbra, perpetuando nas pedras o desmentido mais formal.

Ao começo os grandes combatiam-na; por fim adoptaram-na e vê-se nas lojas inglezas, as mais antigas, os duques e os marquezes subiram ao grão-mestrado, como Payne, o duque de Montagu, Rosslyn, o duque de Sussex, que deixou essa dignidade até hoje na Casa Real da Gran-Bretanha, empunhando Eduardo VII o sceptro com o malhete symbolico. Foi um Stuart que deu bulla para um capitulo da instituição a Lagneau e Robespierre em Arras e o duque d'Autin, n'uma loja da rua Rapée, em 1737, desembainhou a espada.



A recepção d'um aprendiz em 1820



O duque de Orleans que foi grão-mestre da Maçonaria de França.



em frente da policia, que buscava invadir a casa, obrigando-a a retirar-se. Luiz XVIII e o conde d'Artois foram iniciados em Versailles, antes da revolução franceza; o duque d'Orleans pertenceu á instituição, como Victor Manuel, como D. Pedro IV, que foi grão-mestre da maçonaria brasileira.

Portugal viu a maçonaria em 1727, sentiu-a depois perseguida em Filynto Elysio. Manique tremeu diante d'esse grande aventureiro que foi Cagliostro, o mais pittoresco dos homens das sociedades secretas.

Elle corre a terra, mette-se nas intrigas das côrtes, trata de perto as altas personagens. O mundo é o seu vasto circo. Não tem hesitações; é quasi sobrenatural. Infiltra-se, insinua-se, move-se, entra nos negocios mais estranhos; é um dominador. Em Portugal, o intendente da policia bate-o, mas a lueta é tremenda. Conhece tudo, sabe tudo. O seu rito é o egypcio e busca impô-lo. Avulta pelos



Uma sessão magica de Cagliostro

seus gestos, destaca quando era necessario viver mais no segredo.

Em 1749 os fidalgos francezes já se aggremiavam, mas receavam perseguições. As suas lojas eram quasi ambulantes. Onde chegavam, em qualquer casa onde se reuniam, traçavam no chão os symbolos maçonicos e deliberavam. Depois apagavam-nos para se irem juntar n'outro lado. Alguns religiosos entraram na sociedade e um dia os jesuitas, fazendo um bailado comico no collegio de Caen, entraram a imitar o ritual da maçonaria, buscando destruil-a pelo ridiculo. Começaram então a correr lendas de sangue e de heresias e a sociedade portugueza, devota e dominada, teve o terror dos *pedreiros livres*.

Um allemão, que viu a Lisboa em 1798, appareceu degolado na prisão e foi accusada a maçonaria, demonstrando-se porém que ella não tivera parte em semelhante acto. Junot, ao entrar em Portugal, recebeu uma deputação das lojas; procurou mesmo tornar-se grão-mestre, sabedor de que o proprio Napoleão pertencia á socie-



D. Pedro IV, que foi grão-mestre da Maçonaria brasileira e iniciado em 5 de agosto de 1822



dade com quasi todos os marechães do imperio. O titulo foi-lhe negado e tendo o veneravel da loja Concordia, Antonio Coutinho Seabra e Silva, proposto que ali se substituisse o retrato de D. João VI pelo do imperador dos francezes, indignadamente lhe repelliram os desejos. Lagarde, o homem da policia, buscava, favejava, ante a *folha volante* em que a maçonaria se declarava hostil aos francezes, e os trabalhos suspendiram-se, aguardando melhores tempos.

O Santo Officio recebeu varias vezes nas suas prisões os maçons tidos por jacobinos, como alguns que na quinta-feira santa, em 1800, se lembraram de sair ousadamente para a rua com as insignias e estandarites á semelhança do que se fazia no estrangeiro. Muitos officiaes do exercito estavam filiados; alguns foram presos, perseguidos pela regencia do reino que desejava destruir a maçonaria, até que o duque de Sussex se declarou seu protector.

Travam-se negociações com o estrangeiro e commecam as traições. O general inglez Beresford, que governava Portugal, foi uma preocupação da maçonaria, que desejava conhecer as suas idéas acerca de liberdade. O inglez tinha amores com a viscondessa de Jerumenha, e o mestre maçon Andrade Corvo lembrou-se de inicial-a, para desvendando o pensamento do dominador. Uma noite, no maior recato, levaram-na para a quinta do marquez de Angeja, no Lumiar. Não era uma cerimonia nova nos annaes da sociedade, porque desde 1730 as mulheres recebiam iniciações em França. A viscondessa foi; deu as suas provas, falou. A maçonaria julgou que ficava tendo em Andrade Corvo o mais fiel dos seus irmãos, mas foi elle quem denunciou Gomes Freire. Por sua causa se

ergueram os patibulos do Campo de Sant'Anna e a forca de S. Julião da Barra, onde foram supplicados os homens que procuravam a liberdade da sua patria. O *Synhedrio* era tambem uma associação secreta de que faziam parte Manuel Fernandes Thomaz, José da Silva Carvalho, José Ferreira Borges e João Ferreira Vianna. D'esta agremiação saiu a revolução de 1820.

Com a volta de D. João VI commecam as perseguições aos pedreiros livres. D. Miguel clama que lhe procuram matar o

pae, victima mais tarde d'um veneno que não lhe foi dado por nenhum irmão terrivel; os padres berram do alto dos pulpitos, incitam o povo contra os maçons; começa a correr sangue, fazem-se vinganças, erguem-se forcas ao tempo que D. Pedro IV se inicia na agremiação já florescente em toda a Europa. Em 1833 Leopoldo I, da Belgica, é grão-mestre da maçonaria do seu país, tendo sido iniciado vinte annos antes na loja Esperança de Berne, e, assim, abraçando os reis, preservando-os nas horas em que elles concediam liberdades, repellindo-os quando as tiravam, a sociedade secreta viveu, batendo-se sempre contra as tentativas reaccionarias em todo o mundo.

A par d'esta associação dominante, onde houve sempre o auxilio mutuo, outras tem exercido as

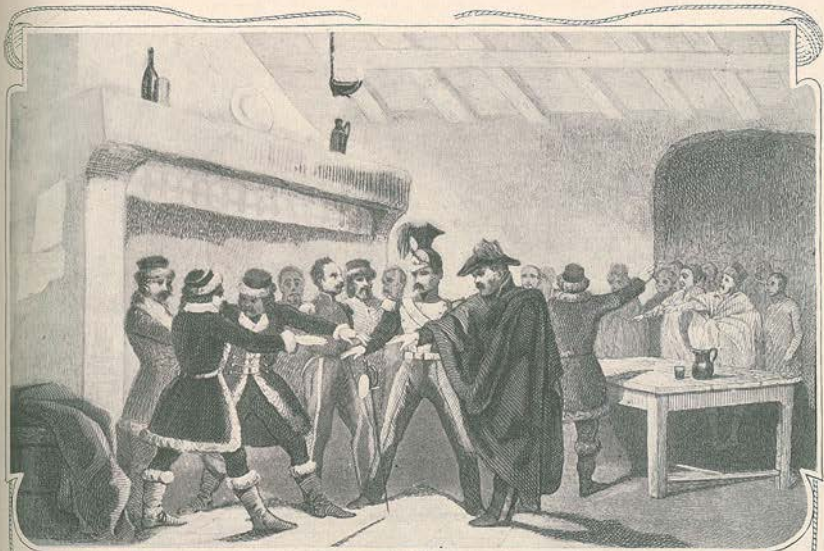
suas missões e desaparecido. Na Polonia escravizada reunem-se os patriotas nas cryptas de velhos mosteiros. Havia palavras de passe para impedir a espionagem e d'alli, d'essas assembleas, feitas no segredo, saíam as revoltas. Os *Carbonarios*, na Italia, o pai por excellencia das sociedades secretas, bateram-se tambem pela liberdade. Eram diferentes as suas formulas, os attributos dos



Napoleão na loja do

Faubourg Saint Marcel





varios graus, os titulos dos aggreimados. Essa sociedade, mercê do tem-

po em que existiu, bateu-se rijamente, já contra Murat feito rei, já contra o predomino religioso.

São estas as mais celebres sociedades com fins combativos contra a reacção, como se vê, d'ellas faziam parte muitos soberanos que no terror dos povos foram buscar alentos para a conquista de thronos. Existem ainda, em toda a sua grandeza tradicional, os Grandes Orientes de França e de Portugal, como sociedades fraternas; a Companhia de Jesus com intuitos religiosos e de ministration do seu ensino, mas propriamente as sociedades politicas secretas, com as vinganças mysteriosas e terriveis, são velhas cousas a que o espirito da epoca profundamente se oppõe. Ficou, porém, dominadora, extranha e mysteriosa a *Mão Negra*. Essa tem o crime por unico fim. Ha tempo, na Italia, um processo escandaloso revelou a existencia d'essa sociedade, que de resto se af-



firma dia a dia. Na America, para onde teem emigrado milhoes de italia-

nos, prova-se que os irmãos da *Mão Negra* teem um enorme poder. Não ha policia que os descubra, juiz que a vença, traidor que a venda.

De quando em quando apparece uma rica herdeira, o filho d'um millionario, um potentado. Fazem-se buscas, revolve-se tudo, procura-se um indicio da sua passagem e parece que alguem o levou pelos ares. Um dia chega uma carta assignada apenas por uma mão negra. Espalha-se o terror na familia; ha lagrimas; ha desesperos. A carta exige uma certa quantia em determinado prazo e ameaça com a morte da pessoa que está em seu poder caso o pedido não seja satisffeito. Não ha outro remedio. E' necessario collocar o dinheiro no sitio indicado onde um filiado da *Mão Negra* o irá buscar. Geralmente não se avisa a policia, receiando pela sorte do ente querido de que a associação mysteriosa é a senhora absoluta. Já



1—Juramento dos Irmãos Ceiferos em Potok em 1822
2—Victor Manuel II, que foi grão-mestre da maçonaria italiana

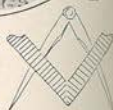


se tem feito queixas, no meio do maior mysterio; os agentes empalidecem ao tomarem conta do caso e vão no rasto que se lhes aponta. Quasi sempre encontram um cadaver com a mão negra espalmada na face. E' o castigo; é a ameaça cumprida.

D'ahi o profundo pavor que infunde essa associação existente na Italia, que procurou ramificar-se na Hespanha e floresce na America. A um chefe de policia dos mais habéis de New-York que perseguiu ousadamente a associação, levaram-lhe a filha e com uma intimativa formal para abandonar os seus projectos de se devotar á descoberta dos fillados, diziam-lhe que ella seria uma victima da sua teima. Não desistiu, porém, atirou-se com mais audacia á perseguição, não julgando talvez que cumprissem a ameaça. Logo aos primeiros passos teve a certeza de quanto eram verdadeiras as palavras dos homens da *Mão Negra*. Encontrou a filha morta, no patamar da sua propria escada.

Não se comprehende como esta sociedade vive, como

O rei Eduard VII, que por uma tradição de familia é grão-mestre da maçonaria ingleza



Uma procissão maçonica segundo uma caricatura publicada em Londres em 1742




Duque de Loulé, que foi grão-mestre da maçonaria portugueza

trabalha, como predomina. Se tivesse um fim politico, teria naturalmente desaparecido, á falta de atmosphera capaz para vingar; movida pelo interesse do ouro, diz-se que tem adeptos até na propria policia. D'outra maneira não se entende semelhante mysterio, que até aqui só tem semelhanças com a *Camorra*.

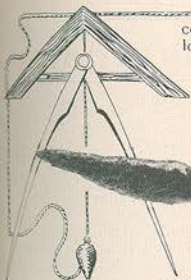
Essa era outra sociedade secreta italiana, que ainda ha pouco dava brado. Fazia tambem ameaças e extorsões; diirrigia-se ás personagens politicas, sabia segredos que procurava vender, aposava-se de papeis da mais alta valia e não era difficil lêr nos jornaes que, na vespera, um cavalheiro elegantemente vestido entrára de surpresa no quarto d'uma duqueza para lhe vender as cartas do amante ou para lhe roubar as joias. Citavam-se nomes, diziam-se cousas terríveis e a *Camorra* continuava audaciosamente as incursões, transformando o velho bandido romantico e aventureiro da Calabria no civilisado e pratico filiado da associação, que contava adeptos nas classes mais baixas e tinha chefes de



certa categoria. Calou-se a *Camorra*?! 

todos os logares, matando, sendo a mais constante das ameaças para os ricos. E' esta a ultima das sociedades secretas verdadeiramente mysteriosas, aquella cujo symbolo, a mão espalmada, ainda deve gerar um grande receio, trazer consigo o presentimento d'uma tremenda desgraça, d'uma catastrophe, d'um aviso enorme, como as palavras fatidicas do festim de Balthazar.

Não acabará mais?! Continuará vivendo na sombra, progredindo, vencendo, apesar de todas as policias, de todas as leis, de



Vae surgir de novo?!...

A *Mão Negra* succedeu-lhe ou é uma sua ramificação?! Eis um mysterio tão profundo como a propria sociedade movida pelo interesse do dinheiro, não tendo um nobre fim politico



As corridas de Diana

todos os juizes?! Talvez. Porque não tem



Uma loja maçonica em Paris em 1740 (segundo uma gravura do tempo)

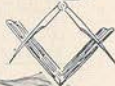
(Gravuras da colleção do sr. Annibal Fernandes Thomaz)

como as antigas agremiações patrioticas, as seitas libertadoras, as maçonarias dignas, cujos institutos são frequentados por elevadas personagens e tem no seu gremio alguns reis.

Essa *Mão Negra*, porém, continúa a viver da sombra; é tremenda e

feroz. Parece que tem espíes em todos os lados e, assim como da Companhia de Jesus, tão secreta, tão extranhamente guardada aos olhos profanos, se diz que é uma espada cujos copos estão em Roma e a ponta em toda a parte, da *Mão Negra* se pôde dizer ser um veneno subtil cujo frasco está na mão do chefe supremo e cujo liquido se infiltra, passa, se dilue em

um fim nobre e digno, porque se baseia no roubo e na ganancia, n'uma epoca em que a maior paixão n'isso consiste. A alma romantica estando morta, mor-



O juramento carnívoro: Juro por minha honra nunca revelar os segredos dos bons primos e de lhes prestar todos os socorros ao meu alcance.

tas estão as fortes sociedades secretas politicas, que já em parte alguma surgem com os seus mysterios e com as suas audacias.





NA ACADEMIA
DE
BELLAS
ARTES

N'uma profunda e sentida homenagem á memoria de Alfredo, Keil abriu na Academia de Bellas Artes a exposiçao das suas primeiras obras de pintura, na maioria desconhecidas do publico, vistas n'uma roda de amigos, d'esses devotados companheiros que elle tinha. Em todas ellas, n'esses quadros que a mão carinhosa de seu filho dispôz, vibra sempre a mesma nota calma, suave, que era um caracteristico d'esse artista a quem muitos chamaram *dilettante*, quando não tinham nem metade da sua produção cheia de talento e de originalidade.

A figura de Alfredo Keil, vista a distancia, agora que já não a topamos ahi pelas ruas com o seu ar de bondade, os olhos azues esmaecidos, os cabellos loiros, o andar leve, apparece-nos como alguma coisa de complexo.

nador de objectos d'arte com conhecimentos que chegavam á erudição: um perscrutador das cousas do passado, uma apaixonado, um artista. Vibrava com a primeira impressão; sentia-a profundamente e do mesmo modo a transmittia. Foi por isso que quando o *ultimatum* veiu, como uma dolorosa surpresa, elle soube dar nos compassos da *Portuguezia* a indignação da alma nacional, como um Domingos Cimarosa deante das invasões e dos despotismos na sua adorada Napoles.

Agora que já tudo isto vae longe, e que o artista morreu, é a sua obra que nol-o faz evocar, são esses quadros expostos que nos obrigam a meditar em tudo que elle foi.

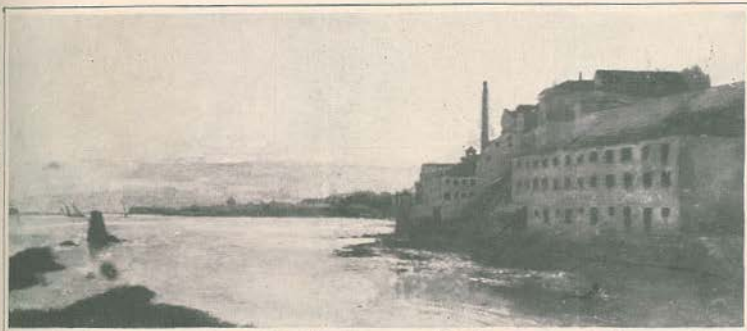
Ha n'essa exposiçao uma tela intitulada *Sal-timbancos*, tão cheia de pittoresco e de verdade, tão flagrante com os seus homens



1—Alfredo Keil. 2—Vindima á beira mar (Azenhas do Mar)

Querendo fazer musica como amator deixa-nos operas tão portuguezas que nos vemos obrigados a enfileira-o entre os nossos grandes maestros, ante a audição da *Serrana* e da *D. Branca*; querendo pintar por desfastio lega-nos quadros como esses que enchem as paredes da sala da Academia. E ao mesmo tempo era um grande executor musical: um colleccio-

esfarrapados, de cabeças desgrenhadas, as creanças buscando equilibrar-se nas cadeiras, todo um barbaro espectáculo de dôr e de miseria, que se pergunta como aquelle delicado Keil achou a nota propria para marcar o seu quadro. E' que, mercê da sua vibratibilidade, preso pelo assumpto, apaixonado, impulsivamente levado, fixou aquelles rostos, aquel-



les andrajos lantejoulantes, dos bandos que percorrem as estradas, roídos de fome e de desesperos e deu-lhes a côr da mais intensa verdade.

A par d'isto é vêr como elle escolhia delicadamente os trechos, como por elles se recom-

evocador das galopadas, além de Santos, caminho do valle d'Alcantara ou do Restello.

Em toda essa obra vasta a escolha do assumpto é sempre a definição d'aquelle temperamento que a banalidade não seduzia.



1—As tercenças no antigo Aterro
(Rocha do Conde de Obidos)
2—A' sombra



3—Convento dos Capuchos
4—Casa ruítica
5—Tratando da vinha
6—Caxias

põem as suas demoras n'um ou n'outro sitio, definindo soberbamente esse artista que parecia não poder estar um só dia em frente d'um trecho de belleza sem o reproduzir. Assim pinta Caxias com a sua praia dourada; as Azenhas do Mar onde a vinha loureja no rochedo; as ruas do Lorvão; claustros e arcarias de conventos por esse paiz fóra, n'alguns verões que deviam ser de socego e foram de trabalho, mas d'uma tal fórma feito que se adivinha o prazer que lhe deu.

Umaz vezes era uma ponte sobre o Tejo, á beira d'Abrantes; outras o convento dos Capuchos na serra pittoresca; eram as paizagens de Collares, as lindas varzeas, chapadas de sol; outras vezes vinham as figurinhas que o apaixonavam e pintava os quadros *Leitura amena*, cheio de delicadeza; *Pescando marisco*, onde se vê o vulto bem desenhado e naturalissimo sobre as ribas, na sua faina; *Regando as couves*, flagrante e vivo; *A' porta da casa*, encantador e d'uma nitida observação. Nem mesmo lhe escapou esse trecho do Aterro que é a rocha do Conde d'Obidos, no tempo em que tudo aquillo tinha ainda um grande ar antigo com o rio a espraiair-se, o morro todo escarpas e lá o alto do convento das Albertas sombrio, tristonho,



7—Milho a seccar
8—Quinta feira d'Ascensão
9—Salgueiros
10—Paizagem



A volta da fazenda é um trecho curioso em que o lavrador surge com

o moço depois de ter ido vigiar os trabalhos na sua quinta de muros brancos. A paisagem é magnificamente tratada, os longes são soberbos, d'um mimo que seduz. *O Pinhal* é também um lindo trabalho e assim as suas outras telas.

A verdade subjugava-o. Não mentia. Se era uma figura do povo que o interessava, reproduzia-a sem composições, sem querer vêr n'ella mais do que era e dava-a em toda a sua natu-

1—Azenhas do Mar 2—Cascata de Caxias.
3—Ponte sobre o Tejo em Abrantes

em lugar pittoresco, onde o dono recebiaos artistas de casaca, com

meduras graves e d'ahi a pouco estava em mangas de camisa fazendo comezainas deliciosas que lhes davam alegrias sem conto deante das toalhas brancas e cheirando a lavado; depois as noites de calma, n'esse lugar, sem distracções, dormidas em camas de palha de milho, até que a manhã vinha com o assobiar dos melros nos campos a saudarem os trabalhadores. Então, comida a primeira refeição, lá ia para os logares da sua



Os saltimbancos - 1866

ralidade. Com todos os assumptos procedia esse grande artista do mesmo modo e d'ahi esse cunho que o impôz.

Keil falava ás vezes com enthusiasmo das suas excursões artisticas; detalhava-as, dizia das personagens, dos logares, dos pontos que o tinham impressionado, e essa impressão parecia fixada ainda, á simples evocação, como se estivesse a revivel-a.

Contava de certa hospedaria provinciana,

escolha, collocar-se á sombra do chapéu de extensas varas, a trabalhar agradavelmente. Enthusiasmava-se, sempre ao narrar a sua estada n'aquelle sitio da sua predilecção.

Era com esta alegria forte, com a sensação eternamente a despertar n'elle, que Alfredo Keil trabalhava esses quadros expostos na Academia de Bellas Artes e diante dos quaes o publico desfilou n'uma homenagem por esse glorioso artista que deixou o seu nome li-



1—Rebentar da onda, 2—Pezando marisco.
3—Paisagem de Collares.

gado tanto á musica como á pintura d'uma maneira inolvidavel. Mesmo nos ultimos tempos da sua vida, quando ia, ás tardes de feira da Ladrá, procurar coisas curiosas nos montões heterogeneos que enchem o campo, não perdera o entusiasmo sagrado.

Ao menor achiado eil-o radiante, a mandar separar, a ajudar os carrejões, cheio de ardente desejo de chegar a casa para verificar toda essa preciosa colheita do dia, cousas que outros desprezariam, mas que o seu olhar astuciosamente sabia descobrir.

Dias depois contava os seus achados.



3—A' porta da casa.

1—Obstaculo em caminho, 2—Rua em Lousã.

4—Claustro de convento

5—Caminhante solitário.

6—Palmeiras.

uma pagina de musica sacra, uma gravura antiga, um manuscrito que tinha pena de estar incompleto, tudo cousas para o seu museu, a que se referia com um ar modesto, no fundo radiante, encantado. E essas conversas, em que se faziam evocações ás epochas remotas,



1—Volta da fazenda, 2—Regaudo ás couves,
3—Passeio no parque, 4—A caminhada d'Almoçagem.
(Clichés de Benoliel)



5—A ponte de S. Bento.

6—Penedos na serra.

acabavam sempre por sonhos de futuro.

Então falava de planos, de largos planos, de quadros a fazer, trechos a fixar, bocados lindos d'esta terra portugueza que elle muito amava, e da qual tantos aspectos soube dar nas telas formosas que o seu nome assigna e ante as quaes o publico relembra, saudoso ainda, esse artista loiro, de modos suaves e olhar limpido que procurou para a sua pintura os mais pittorescos aspectos do nosso paiz, que sagrou com um hymno immortal e feito de protestos.

"A SANTA INQUISIÇÃO" NO D. AMELIA



O actor Manuel Pina
no *Mordomo*



O actor Raphael Marques
no *Fr. Placido de Jesus*



A actriz Elvira Costa no papel de *Ignês*

A peça de Julio Dantas, *Santa Inquisição*, constitue um legitimo successo: marca uma epocha theatral. Não podemos, por isso, deixar de completar o nosso artigo do numero anterior, publicando as photographias d'alguns interpretes que faltavam. São na sua maioria personagens incidentaes, mas com elles se termina a informação relativa a essa obra dramatica, um verdadeiro acontecimento no nosso meio. Entre estas personagens sobresaem, pela sua acção dentro da peça, Braschi-Onesti, que o actor Sarmento interpretou, e fr.

Placido de Jesus, representado pelo actor Raphael Marques. O primeiro é o typo efeminado, sem moral, sem escrúpulos, filho da decadencia italiana, gentilhomem do nuncio e mercurio do cardeal; o segundo é um bastardo, frade de ruins convicções, uma revolta n'uma almofega de monge; os outros são figuras que resacem n'uma ou n'outra scena, todas via marcadas por mão de mestre, completando o conjunto do trabalho do illustre escriptor.

D'este modo se apresentam os varios detalhes da *Santa Inquisição*.



1—O actor Francisco Senna no papel de *Lilivairo*. 2—O actor Antonio Sarmiento no papel de *Boaschi-Ovesti*. 3—A actriz Emilia Sarmiento no papel de *La Gioconda*. 4—A actriz Alexandrina Quadrio no papel de *Dorothea*. (Clichê Vasques) ção, que, em vista do seu sucesso, não podia deixar de ficar archivada nas paginas d'esta revista.



Vida Elegante

CRÔNICA QUINZENAL DA VIDA MUNDANA DE LISBOA

Para se occupar detidamente, escrupulosamente, das festas que notabilisaram a vida mundana da capital durante a quinzena finda, a

crônica teria de usurpar todo o espaço designado na *Ilustração* para outros assumptos, por egual de interesse palpitante. Ha que contentar todos os paladares, a cada um servindo o que possa lisongear a sua predilecção, dentro, porém, de forçados limites, — que são tanta vez o desespero do chronicista, dado o seu vivo empenho de bem cumprir a sua missão.

Lisboa elegante apenas durante a Semana Santa abriu um parenthesis de recolhimento e de meditação na sua habitual vida movimentada. E assim mesmo, a piedosa romaria aos templos, a assistencia nos animatographos onde se desenrolavam fitas descriptivas

de enternecidos episodios da Paixão de Christo, de-



A sr.ª D. Maria Thereza de Campos Valdez Briffa
(Clichê das Officinas Photographicas)

ram aos reporters mundanos e elementos de informação bastantes, para se ficar sabendo que não foi positivamente na serena paz, no calmo silencio dos seus pequeninos quartos de oratorio que as lindas lisboetas recordaram os martyrios soffridos pelo Redemptor do mundo... Mas, afinal, a Alleluia com o seu victorioso clarão de suggestivas alegrias, deu por terminado o compasso de espera das festas profanas e os salões reabriram. Março expirou entre o ruído alacre das festas mundanas, legando á crônica a elegante *matinée* Briffa, a artistica sessão musical de madame Macieira Lino, os jantares diplomaticos na legação da Argentina e em casa dos condes de Santar, e o baile de subscrição no palacio Fox. Abril surge envolto em subteis perfu-

mes, toucado de flores, como o representante le-



Sala de recepção em casa do sr. Domingos Briffa

gítimo da ri-
sonha prima-
vera, e logo
referece á sachie-
dade da chronica
mundana novas
festas e esplendes-
tes promes-
sas!...

A *matinée* em
casa da sr.^a D.
Piedade de Cam-
pos Valdez Briffa
e do sr. Dom-
mingos Briffa
foi um accen-
tuado cunho de
suprema distinc-
ção. Concorren-
cia numerosa e
brilhante, pale-
stra animada, lin-
das *toilettes* real-
çando esplendi-
das formosuras,
flores soberbas
em grande profusão; e vigorisando a despreocupada
alegria da assistência, um bello programma musical
executado pelo sextetto Moraes Palmeiro. Eis em
resumo, e um pouco



M.ª Valdez Briffa com os seus netos

(Clichê das Officinas Photographicas)

encantadora nota de enternecida graciosidade, co-
mo a sabe dar invariavelmente a suggestiva ale-
gria infantil.

As salas da mo-

em estylo te-
legraphico, a
impressão que
trouxeram d'essa
elegante rece-
pção os convidados
da familia
Briffa,—tão pro-
diga em primo-
res de affabili-
dade,—que são,
de resto, tradi-
cionaes n'aquella
casa.

Um aspecto in-
teressante da fe-
sta dava-o a pre-
sença dos lindos
netos da sr.^a D.
Piedade de Cam-
pos Valdez Briffa,
—filhos dos
condes de Alto
Mearim, pondo
no mundanismo
do conjuncto uma



Um aspecto do salão.

(Clichê de Benoiel)

radia Briffa na calçada da Estrella estão decoradas com aquella elegante simplicidade reveladora de bom gosto que nem sempre nos é dado apreciar nas habitações modernas. Alguns lindos exemplares da antiga mercenaria artistica, de linhas severas e harmonicas, estão dispostos na sala de recepção em contraste feliz com esses delicados moveis modernos de apparente fragilidade, evitando-se assim o aspecto monotonico e pesado de armazem de *bric-à-brac* que oferecem certos salões onde a pretexto de colleccionar preciosas antiguidades se arrumam a esmo varias avenesmas archaicas, — coevas do sophá de Tolentino. Sobre as pequeninas mezas de pés torneados,

ra das predilecções delicadas das figuras femininas que illuminam, com a sua distincção, aquelle encantador lar.



Com a chegada da primavera coincidiu a reabertura de alguns salões, annunciando-se já para estomez varios *teas* elegantes. Em Lisboa ha lindos jardins cuidados e risonhos, onde n'uma grande orgia de côr e de perfumes desabrocham agora os rosellaes, e as violetas agonisam evolvendo os ultimos aromas: Porque razão não transferem para o ar livre as



A sala branca.

(Cliché de BENOLIEL.)

retratos de pessoas queridas sorrindo nas suas molduras de phantasia, delicados vasos de taiança com flôres e certa sobriedade de *bibelots*, não vulgar, e, portanto, digna de nota como signal de bom gosto. Ao fundo da sala de recepção avulta uma linda peça em talha antiga de grande valor artistico sobreposta aos sophás que forram toda a parede. Ao lado do salão, fica a segunda sala onde uma luz discreta acaricia o branco e ouro do mobiliario, determinando uma grande suavidade de tons. Por toda a casa flôres e plantas decorativas põem no aspecto geral uma singela nota de frescura e graciosidade revelado-

suas recepções essas gentis donas de casa que se aprestam para receberem em breve os seus convidados? Nada mais encantador e suggestivo de doces e perduraveis alegrias, do que as palestras ao cair da tarde n'esta formosa estação recemvinda, sob a rama-ria ciciante do arvoredado, junto dos lagos esmeraldinos e dos recortados canteiros onde a polychromia das flôres oferece á vista deslumbrada um maravilhoso tapete de soberbos e inegalaveis matizes. *

Animem-se os lindos jardins de Lisboa, valeu?...

L. 7.

AVIAGEM MYSTERIOSA DE UMA RAINHA ENFERMA

A CZARINA DA RUSSIA EM LISBOA



1—O yacht imperial *Standart* no Tejo.

as viagens feitas, como se vê, com infinitas precauções. Compreende-se bem os abalos d'essa organização de mulher, os sobresaltos da sua existencia, que deve ser uma continua angustia, exacerbada nas horas, em que o marido d'ella se afasta, como ha pouco fez para a viagem á Italia, tão cheia de commoções e de resguardos.

E', pois, quasi certo que o



2—El-Rei descendo para a galeota real, de visita á Czarina

indicar que realmente essa soberana enferma viaja no barco imperial que esteve no Tejo e onde o rei de Portugal foi em 26 de março.

De ha muito que essa rainha cuja existencia é um constante sobresalto, que só vê um mundo official e o povo por cima de florestas de bayonetas, sofre d'uma doença nervosa que se busca acalmar com



3—A Czarina da Russia. 4—A galeota real atracando ao *Standart* (Clichés de BRUNELI).

Standart conduz a czarina, essa princeza de Hesse e do Reno, que ao trocar o seu nome pelo de Alexandra Feodorovna, o seu modesto titulo pelo de soberana d'um grande imperio começou a desmentir o proverbio que diz: feliz como uma rainha.



A PRIMEIRA TOURADA DE 1910

As touradas são espectáculos que nunca deixarão de interessar os portugueses. Ficaram da tradição fidalga dos grandes cavalleiros que com os seus denodados e arrojados, com suas galhardas esturdias, agradavam ao povo que os via nos redondeis e nas ruas levando os olhos das raparigas e as benções dos valentes. Batiam-se com maestria, cavalgavam com donaire; á luz do sol faziam prodigios diante d'um touro; no mysterio das noites confraternisavam com os pedes rijos que andavam em bréga, ligados no mesmo perigo, com os herdeiros dos nomes sonoros e heraldicos. Por isso, porque é uma arte de valor e de elegancias, de difficuldades e de valentias os portugueses a amam e enchem as praças de touros



A azemola



com o seu entusiasmo meridional. A primeira tourada d'esta época, em domingo 27 de março, realisada de baixo de agua, que se aguentou sob as chuvas, é a prova da

afeição que existe por esse genero de espectáculos. Na corrida tomaram parte além dos cavalleiros José Bento d'Araujo e Manuel Casimiro, o *espada* Pazos e os bandarilheiros Theodoro, Cadete, Vieira, Ribeiro Thomé e Manuel dos Santos.

O trabalho de cavalleiros e bandarilheiros agradou bastante, bem como o do *espada* Pazos, que soube conquistar as sympathias do publico. Sem aquellas bategas d'agua, que ainda assim não afugentaram os espectadores, teria sido um magnifico espectáculo a corrida com que se inaugurou a a presente época no Campo Pequeno, porque os touros do sr. Emilio Infante eram bravos.



Uma sorte á meia volta pelo cavalleiro José Bento d'Araujo



As cortezas

(Clichés BRNOLIEL)